

A fome sobrepõe-se à lei: Uma crítica ao crime da fome à luz de Mt 12,1-8

*Hunger overrides the law:
A critique of the crime of hunger in Mt 12,1-8*

Waldecir Gonzaga
Alfredo Viana Avelar

Resumo

Este estudo parte da grave constatação de um fenômeno presente no mundo e que afeta um em cada dez seres humanos: a fome. Como é possível que no século XXI, com seus avanços científicos, com tantas leis civis, econômicas e religiosas organizando a humanidade, ser praticado o crime de privar mais de 800 milhões de pessoas dos alimentos necessários à vida? A responder a tal questão muitos estudiosos das mais diversas áreas do saber têm se prestado e a Teologia não pode ficar fora dessa discussão. Dessa maneira, à luz da perícopa das espigas de trigo colhidas pelos discípulos de Jesus, em dia de sábado, para matarem sua fome (Mt 12,1-8), busca-se fazer uma crítica ao crime da fome e demonstrar o quanto a luta contra esse sério problema humanitário é atitude essencialmente cristã e anterior às leis. Para isso, apresenta-se uma tradução do texto grego, notas de tradução, uma análise do texto pelo prisma da fome que os discípulos sentiam e, por fim, mostra-se o que a vida cristã tem a dizer sobre essa temática tão dura, grave e desafiadora. No final, oferecem-se pistas pastorais para ajudar na promoção da vida humana, como compromisso cristão na erradicação da fome.

Palavras-chave: Fome. Lei. Humanidade. Jesus Cristo. Alimentação.

Abstract

This study is based on the serious observation of a phenomenon that is present in the world and that affects one in every ten human beings: hunger. How is it possible that in the 21st century, with its scientific advances and so many civil, economic and religious laws organizing humanity, the crime of depriving more than 800 million people of the food they need to live is being committed? Many scholars from the most diverse areas of knowledge have been involved in answering this question, and theology cannot be left out of this discussion. Thus, in light of the story of the ears of wheat picked by Jesus' disciples on the Sabbath to satisfy their hunger (Mt 12,1-8), the aim is to criticize the crime of hunger and demonstrate how the fight against this serious humanitarian problem is an

essentially Christian attitude that precedes the laws. To this end, the article presents a translation of the Greek text, translation notes, an analysis of the text from the perspective of the disciples' hunger, and finally, it shows what Christian life has to say about this difficult, serious and challenging topic. Finally, it offers pastoral suggestions to help promote human life, as a Christian commitment to eradicating hunger.

Keywords: Hunger. Law. Humanity. Jesus Christ. Food.

Introdução

A fome é um dos mais graves problemas que afeta a humanidade. Embora não seja um fenômeno novo, na atualidade, devido à globalização das informações, tem-se uma visão bem mais ampla e profunda do quanto a falta do alimento básico está presente nas vidas das pessoas e em que partes do mundo ela é mais gritante. Encontrar soluções para minorar e resolver esse grave problema social é tarefa de todos os seres humanos. E para esse debate devem ser convidadas todas as áreas do saber, e a teologia cristã, com sua raiz judaica, tem algo a contribuir, uma vez que essa é uma temática presente nas Sagradas Escrituras, que podem oferecer luz para tal reflexão. Mas será que, de fato, a teologia cristã e, de maneira mais ampla, os cristãos têm sido sensíveis a essa grave crise humanitária?

Partindo da pressuposição de que a teologia não é uma área do saber restrita às paredes estruturais das igrejas, mas aberta e em diálogo com a todas as situações que se passam no mundo, ela tem algo a dizer a respeito da fome e a contribuir pela sua superação. Deseja-se, pois, ir ao Evangelho, e perceber na ação do próprio Jesus diante da fome dos seus uma carga semântica que denuncie o problema da fome e ilumine caminhos em vista de sua superação.

O objetivo principal deste estudo é, pois, mostrar o profetismo de Jesus diante das situações de fome no mundo e demonstrar o quanto o Evangelho, com sua carga semântica provocadora e inquietante, precisa ainda ser assimilado pelos cristãos, para que venham a colaborar mais com as transformações necessárias no mundo, nesse caso específico, no que diz respeito à superação a fome, que tem assolado vidas e colocado populações em situação de degradação de dignidade humana.

Como são muitos os textos do Antigo Testamento e do Novo Testamento que abordam a temática da fome, fizemos a opção pelo relato das espigas arrancadas em dia de sábado para matar a fome dos discípulos de Jesus (Mt 12,1-8). Nesse sentido, ofereceu-se aqui: 1) uma tradução da perícopes a partir do texto grego; 2) em seguida, busca-se sustentar a plausibilidade da intuição de que a fome se sobrepõe à Lei e as leis, recorrendo às interpretações de alguns autores e de algumas autoras a respeito da perícopes; 3) contribuir com a nossa análise; por fim, 4) evidenciar que a teologia pode e deve contribuir para que a humanidade avance na superação desse grave crime humanitário, apresentando alguns dados recentes a respeito da produção de alimentos, da fome, do desperdício e do número de cristãos, para verificar se a ação cristã no mundo é incipiente ou eficiente.

O tipo de pesquisa é bibliográfica, analítica e descritiva. Trata-se, portanto de uma pesquisa qualitativa. Enquanto o método é dialético-hermenêutico, pois a respeito dos três primeiros tópicos, propriamente bíblicos, recorremos a alguns elementos do Método

Histórico-Crítico e da Análise Narrativa, bem como fazer uma revisão bibliográfica concernente à passagem em questão. O quarto e último tópico é formado pela verificação do estado da questão da fome no mundo e da aplicabilidade ou não da síntese oferecida no terceiro tópico para a superação desse grave mal que afeta boa parte da humanidade.

1. Com Jesus nas plantações de trigo: texto e tradução de Mt 12,1-8

Como mencionado acima, o tema da fome também perpassa as Sagradas Escrituras. A opção feita pelo relato mateano, o primeiro dos quatro Evangelhos, o qual aparece em todas as listas e catálogos bíblicos deste o início do cristianismo,¹ deve-se ao fato de que nele a fome afeta aqueles aos quais Jesus procura ensinar que essa grave situação deve ser combatida e superada. Poderíamos aqui destacar o relato em que Jesus experimenta a fome (Mt 4,1) ou algum relato em que a fome da multidão é saciada (Mt 14,13-21; 15,32-39), mas a opção feita foi por uma perícopes que evidencia a fome doendo no corpo daquele grupo mais próximo a Jesus, que haveria de continuar a missão de dilatar o Reino.

Além desse motivo, há um segundo: o relato de Mt 12,1-8 coloca lado a lado a fome e a Lei, e oferece condições para se refletir se o compromisso no combate à fome no mundo não é uma das leis mais importantes da vida cristã, uma vez que Jesus Cristo “veio para que todos tenham vida e a tenham plenamente” (Jo 10,10).

Há, por fim, um terceiro motivo para a escolha desse texto, considerando-se que ele encontra correspondência em Marcos e Lucas, como seus textos paralelos (Mc 2,23-28; Lc 6,1-5). No entanto, o relato marcano simplesmente menciona que os discípulos abriam caminho arrancando as espigas e o relato lucano até afirma que eles comiam as espigas que debulhavam, mas apenas o texto mateano afirma claramente que eles “tinham fome”.

Nesse primeiro momento apresentamos o texto de uma maneira que facilita a comparação entre o texto na língua original grega, na qual foi escrita a perícopes, a língua de saída, e a tradução em língua portuguesa, a língua de chegada. Tal disposição favorece a leitura dos tópicos subsequentes.

Além da justificativa da escolha do texto bíblico de Mt 12,1-8 para nortear a reflexão, de dispor o texto na língua grega e em língua portuguesa, lado a lado, versículo a versículo, para que o leitor e a leitora visualizem melhor o conjunto do texto, no tópico seguinte consideramos estudos relacionados à perícopes valendo-nos dos métodos já destacados na introdução, tendo em vista oferecer notas de tradução e comentários que permitam explorar sua densidade semântica.

Quadro 1 – Texto grego e tradução de Mt 12,1-8

Texto grego de Mt 12,1-8	Tradução para o português
¹ Ἐν ἐκείνῳ τῷ καιρῷ ἐπορεύθη ὁ Ἰησοῦς τοῖς σάββασιν διὰ τῶν σπορίμων· οἱ δὲ μαθηταὶ αὐτοῦ ἐπείνασαν καὶ ἤρξαντο τίλλειν στάχους καὶ ἐσθίειν.	¹ Naquele tempo Jesus foi nos sábados através dos campos (<i>de cereis</i>); seus discípulos, porém, tiveram fome e começaram a arrancar espigas e a comer.

¹ GONZAGA, W., Compêndio do Cânon Bíblico, p. 406.

² οἱ δὲ Φαρισαῖοι ἰδόντες εἶπαν αὐτῶ· ἰδοὺ οἱ μαθηταὶ σου ποιοῦσιν ὃ οὐκ ἔξεστιν ποιεῖν ἐν σαββάτῳ.	² Os fariseus, porém, vendo, disseram-lhe: olha os teus discípulos, fazem o que não permitido fazer em sábado.
³ ὁ δὲ εἶπεν αὐτοῖς· οὐκ ἀνέγνωτε τί ἐποίησεν Δαυὶδ ὅτε ἐπέπιασεν καὶ οἱ μετ' αὐτοῦ,	³ Ele, porém, disse-lhes: Não lestes o que fez Davi quando teve fome e os que (<i>estavam</i>) com ele,
⁴ πῶς εἰσῆλθεν εἰς τὸν οἶκον τοῦ θεοῦ καὶ τοὺς ἄρτους τῆς προθέσεως ἔφαγον, ὃ οὐκ ἔξον ἦν αὐτῷ φαγεῖν οὐδὲ τοῖς μετ' αὐτοῦ εἰ μὴ τοῖς ἱερεῦσιν μόνοις;	⁴ como entrou para a casa de Deus e comeram os pães da oferta, o que não era lícito a ele comer, nem aos que (<i>estavam</i>) com ele, senão apenas aos sacerdotes?
⁵ ἢ οὐκ ἀνέγνωτε ἐν τῷ νόμῳ ὅτι τοῖς σάββασι οἱ ἱερεῖς ἐν τῷ ἱερῷ τὸ σάββατον βεβηλοῦσιν καὶ ἀναίτιοί εἰσιν;	⁵ Ou não lestes na lei que nos sábados os sacerdotes no tempo profanam o sábado e são inocentes?
⁶ λέγω δὲ ὑμῖν ὅτι τοῦ ἱεροῦ μεῖζόν ἐστιν ὄδε.	⁶ Digo-vos, porém, que aqui está algo maior do que o tempo.
⁷ εἰ δὲ ἐγνώκατε τί ἐστιν· ἔλεος θέλω καὶ οὐ θυσίαν, οὐκ ἂν κατεδικάσατε τοὺς ἀνατίους.	⁷ Se, porém, tivesses conhecido o que é: quero misericórdia e não sacrifício, não teríeis condenado os inocentes.
⁸ κύριος γὰρ ἐστὶν τοῦ σαββάτου ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου.	⁸ Pois, o Filho do Homem é Senhor do sábado.

Fonte: texto grego da NA28; tradução da Bíblia de Jerusalém; tabela do(s) autor/es.

2. Desde as plantações, vários olhares: notas de tradução e comentários

O texto é situado em um bloco marcado por incertezas e tensões: a dúvida de João Batista sobre o messianismo de Jesus (Mt 11,1-6), a crítica de Jesus à insensibilidade daquela geração (Mt 11,7-18), a incredulidade das cidades da Galileia (Mt 11,20-24), a revelação aos pequenos (Mt 11,25-30), a decisão de matar Jesus após a cura do homem com a mão seca (Mt 12,9-14), a citação do primeiro cântico do servo de Isaías (Mt 12,15-21), a acusação de que Jesus expulsava demônios pelo poder de Beelzebu (Mt 12,22-32), os fariseus chamados de víboras (Mt 12,33-37), nenhum sinal a não ser o sinal de Jonas (Mt 12,38-42), o retorno do espírito impuro (Mt 12,43-45) e conclui mostrando com a mão quem são seus familiares (Mt 12,46-50).

Segundo Pikaza, a controvérsia entre Jesus e os fariseus é uma expressão da dificuldade que a comunidade mateana encontrava com o judaísmo. A perícopos mostra que “fazer o bem (amor humano) é mais vantajoso que guardar a lei do sábado”.² Para o autor, o texto em questão insere-se dentro de um bloco por ele chamado “a decisão por Jesus (11,2-16-20)”,³ que trata da tensão entre a missão de Jesus e o seu encontro com os fariseus, diante da qual a comunidade decide-se por Jesus.

Lancellotti argumenta que o relato das espigas de trigo comidas em dia de sábado insere-se em um bloco chamado “os mistérios do Reino (Mt 11,2-13,53)”.⁴ O autor entende que o bloco de Mt 11–12, embora sem tanto nexo, apresenta as diversas reações provocadas pela obra de Jesus, sendo, pois, uma preparação para o discurso das parábolas

² PIKAZA, J., A Teologia de Mateus, p. 72.

³ PIKAZA, J., A Teologia de Mateus, p. 68.

⁴ LANCELOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 110.

de Mt 13. Ele ainda traz luz a certos elementos do texto. De início, destaca que a expressão “naquele tempo”, que ocorreu também em Mt 11,25, não tem uma finalidade cronológica e que “arrancar espigas para comer” era permitido, desde que não houvesse o abuso de exceder a quantidade através da utilização de instrumentos de trabalho (Dt 23,26). A respeito da acusação feita pelos fariseus aos discípulos de Jesus, “fazem o que não é permitido”, evoca o texto de Ex 34,21, mas o autor destaca que “mais tarde, considerou como verdadeiro colher ou debulhar, o arrancar espigas e debulhá-las com a mãos”.⁵

Sobre a resposta dada por Jesus ao questionamento dos fariseus, Lancellotti coincide com os estudiosos em sua consideração de que há quatro argumentos, sendo três retirados da Escritura e um novo afirmando a autoridade do Filho do homem. Há de se destacar o que o autor discorre a respeito de um dos argumentos escriturísticos utilizados por Jesus, aquele sobre Davi e seus companheiros comendo dos pães que só aos sacerdotes era permitido comer. Segundo ele: “ao lembrar este fato, Jesus quer ressaltar que uma disposição de uma lei positiva deve ceder diante da necessidade”.⁶

A respeito do segundo argumento da Escritura, dos sacerdotes que “violam” o sábado (Nm 28,9), Lancellotti afirma que não era uma violação que imputava culpa nos oficiantes, pois estavam a serviço do próprio templo. Daí se pode compreender que estando a serviço do Reino seus discípulos não tem culpa alguma e, mais ainda, sendo o Reino um acontecimento da vida, atitudes que viabilizem a existência não podem imputar culpabilidade. Quanto ao terceiro argumento, citando o profeta Oséias (Os 6,6), como já fizera em Mt 9,13, Lancellotti destaca que a atitude de crítica ao formalismo cultural minava a Lei de sua carga semântica ética, algo que também Amós criticou (Am 5,21-24). O quarto argumento, “Senhor do Sábado”, revela o lugar de Jesus ao lado de Deus, “autor da lei sabática”.⁷

Diferentemente dos outros dois Sinóticos, o texto de Mateus é mais amplamente desenvolvido com o acréscimo de três argumentos: o trabalho dos sacerdotes em dia de sábado (Mt 12,5), a consideração de que Jesus é maior que o templo (Mt 12,6) e a crítica anti-ritualística de Oséias (Os 6,6) (Mt 12,7).

Aqui existe uma unidade temática em torno da tensão cristológica: questionado por João Batista, recusado pela infantilidade do povo, não reconhecido nas cidades da Galileia, questionado pelos chefes do povo, que inclusive decidem matá-lo. Mesmo assim ele é o Messias.⁸ Nesse bloco formado por dois capítulos, Mt 12 pode ser dividido em duas partes: a primeira (Mt 12,1-21), com discussões a respeito do sábado, concluindo com a citação de Isaías; a segunda (Mt 12,22-50)), com discussões a respeito da autoridade de Jesus e do autoritarismo dos fariseus, concluindo com o texto sobre a nova família que Jesus constitui.

Os fariseus “leram” (Mt 12,3.5), mas não “compreenderam” (Mt 12,7). Leram as Escrituras, mas não reconheceram que Jesus era o Messias, que dá a vida, e não há vida sem alimentação. Segundo Barbaglio, os fariseus fizeram uma leitura unilateral e pouco misericordiosa da situação, pois a mesma Lei utilizada por eles para criticarem a atitude

⁵ LANCELOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 118.

⁶ LANCELOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 118.

⁷ LANCELOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 118.

⁸ BARBABLIO, G., O Evangelho de Mateus, p. 187-188.

dos discípulos de Jesus diz que a pessoa pode comer se tiver fome (Dt 23,26).⁹ O sábado tem a ver com o direito da pessoa ao descanso e não poderia de forma alguma impedir o direito da pessoa a viver e, para isso, alimentar-se é fundamental.

Segundo Storniolo, a lei do sábado tinha um grande peso para os judeus. A passagem em análise mostra não apenas que Jesus viola a lei, mas sobretudo que permite aos seus discípulos a violarem. Não sem razão, esta fora uma lei criada para garantir às pessoas o digno direito ao descanso, mas, pouco a pouco, “ela tornou-se não mais um direito, mas obrigação”.¹⁰ O que os discípulos fizeram não foi um desrespeito ao sábado, mas um respeito à vida. Se por um lado, estão os fariseus a fomentar uma religiosidade que fazia crescer na vida das pessoas o sentimento de culpa, por outro lado, Jesus age diferente, ele “mostra que a Vida está muito acima da Lei, e que esta só tem sentido quando está a serviço da Vida”.¹¹

Vitório está de acordo com a divisão apresentada por Barbaglio¹² a respeito da composição de um bloco através de Mt 11–12, ao qual ele intitula “as diversas reações às propostas de Jesus”.¹³ Em sua análise narrativa, Vitório identifica que a crítica dos fariseus a Jesus é indireta, uma vez que a fizeram diretamente aos discípulos. Na citação do que se passou com Davi e seus companheiros, ele percebe o argumento de que “a antiga Lei conhecia exceções”.¹⁴ O autor ainda, pela análise da narração, percebe a sutileza do lugar em que Jesus se coloca: maior que o templo, à altura de Deus, para quem não vale o sábado: “também em dia de sábado, Deus dá e tira a vida, faz acontecer o dia e a noite, comanda o crescimento dos seres da natureza... não abole o sábado e, sim, subordina-o à sua pessoa e à sua ação”.¹⁵

Harrington afirma que a perícope faça parte de um bloco maior compreendido por Mt 11–12, ao qual ele chama “a importância e a rejeição a ele”.¹⁶ Segundo ele, neste bloco são abordados os temas da descrença e da rejeição precisamente após seu “discurso missionário”¹⁷ ou sermão da missão, no qual esses temas têm proeminência. Ao mesmo tempo, é um bloco que aprofunda um pouco mais a identidade de Jesus: como Cristo (Mt 11,1-6), como sabedoria de Deus (Mt 11,25-30), como servo de Deus (Mt 12,15-21).

Harrington ainda defende que o que está em relevo neste episódio é o lugar que Jesus ocupa como intérprete da Lei, pois ele não vê no ato dos discípulos uma transgressão como afirmavam os fariseus amparados na proibição do trabalho em dia de sábado (Ex 20,8-11; Dt 5,12-15). Ele ressalta que Jesus deu quatro respostas ao questionamento dos fariseus: a primeira, a fome física tem precedência sobre a lei do sábado; a segunda, leis relativas ao templo têm precedência sobre leis relacionadas ao sábado; a terceira, citando o profetismo de Oséias (Os 6,6), uma denúncia da imperfeita escala de valores dos fariseus; a quarta, o senhorio do Filho do Homem, que tem a autoridade final. Harrington

⁹ BARBAGLIO, G., *O Evangelho de Mateus*, p. 198.

¹⁰ STORNILO, I., *Como ler o Evangelho de Mateus*, p. 90.

¹¹ STORNILO, I., *Como ler o Evangelho de Mateus*, p. 90.

¹² BARBAGLIO, G., *O Evangelho de Mateus*, p. 187-188.

¹³ VITÓRIO, J., *Mateus*, p. 51.

¹⁴ VITÓRIO, J., *Mateus*, p. 55.

¹⁵ VITÓRIO, J., *Mateus*, p. 55.

¹⁶ HARRINGTON, D. J., *Mateus*, p. 24.

¹⁷ HARRINGTON, D. J., *Mateus*, p. 24.

entende que esse texto seria uma resposta às críticas que os cristãos recebiam dos judeus a respeito da forma com que vivenciavam o sábado.¹⁸

Earle também situa a perícopes das espigas arrancadas em dia de sábado no mesmo bloco que compreende Mt 11–12, ao qual intitula “a rejeição do Messias”.¹⁹ O autor, antes mesmo de discorrer sobre o texto propriamente dito (Mt 12,1-8), prepara o leitor para entender a razão pela qual os fariseus entram em tensão com Jesus a respeito do sábado. Segundo o autor, no tempo de Jesus havia três coisas que distinguiam os judeus dos gentios: o descanso sabático, a circuncisão e a proibição a respeito de comer carnes impuras. Sobre o sábado especificamente, Earle argumenta que os fariseus “eram muito rígidos a esse respeito”.²⁰

A respeito de Mt 12,1, Earle faz a consideração do que se traduz comumente como plantações, são searas, cujo significado são campos cultivados de grãos e que os discípulos por sentirem fome colheram espigas de trigo, “mais corretamente apanhar a parte superior do trigo. A imagem dos discípulos apanhando espigas de milho é enganosa para o leitor americano ou brasileiro”.²¹ Sobre Mt 12,2, ele destaca que os fariseus estavam nas plantações de trigo não para seguir a Jesus, mas para espioná-lo. Menciona que, de fato, Ex 20,10 proíbe que se faça alguma obra no sábado, mas questiona o que seria caracterizado como obra. Fala do “peso sufocante e repressor da legislação legalista”.²² Para Earle, em Mt 12,3-4, quando Jesus menciona o fato que se deu com Davi e seus companheiros quando sentiram fome e comeram do pão que apenas aos sacerdotes era permitido comer, ele mostra que “a necessidade humana é uma lei mais importante do que as leis e regras religiosas [...] o amor é a lei mais importante no universo e anula todas as demais leis. E o amor exige que a necessidade humana seja satisfeita”.²³

Earle também afirma que “o legalismo é uma negação humana do amor divino”.²⁴ Discorre a respeito do argumento de Jesus em resposta aos fariseus ao citar os sacerdotes que trabalham aos sábados, mas que seu trabalho não lhes imputa culpa alguma, que “o bom senso mostra que, na prática, algumas leis anulam outras. Isto é inevitável, em um mundo imperfeito como o nosso”.²⁵ Em Mt 12,6, Earle vê o ponto principal da argumentação de Jesus aos fariseus: ele é maior que o templo, sua pessoa é lugar do verdadeiro encontro entre Deus e os seres humanos.²⁶ Ele conclui seu comentário à perícopes discorrendo sobre Mt 12,7-8. A respeito do v.7 no qual Jesus evoca a misericórdia citando o livro do profeta Oséias (Os 6,6), o autor defende uma vez mais que o cuidado com a vida é mais importante que as leis, inclusive que a liturgia: “se, no cristianismo, alguém colocar o seu principal enfoque na liturgia em lugar da vida, estará retrocedendo do Novo Testamento ao Antigo. E, assim mesmo, deixará de seguir a interpretação

¹⁸ HARRINGTON, D. J., Mateus, p. 25.

¹⁹ EARLE, R., O Evangelho segundo Mateus, p. 91.

²⁰ EARLE, R., O Evangelho segundo Mateus, p. 91.

²¹ EARLE, R., O Evangelho segundo Mateus, p. 91.

²² EARLE, R., O Evangelho segundo Mateus, p. 91.

²³ EARLE, R., O Evangelho segundo Mateus, p. 91.

²⁴ EARLE, R., O Evangelho segundo Mateus, p. 91.

²⁵ EARLE, R., O Evangelho segundo Mateus, p. 91.

²⁶ EARLE, R., O Evangelho segundo Mateus, p. 91.

profética da lei mosaica”.²⁷ O v.8 dirime qualquer controvérsia, encerra o assunto, o Filho do Homem é Senhor do sábado.

Segundo Carson, a expressão “naquele tempo” (Mt 12,1) indica que o evento narrado não precisa necessariamente estar ligado cronologicamente aos eventos narrados em Mt 11. O autor destaca que os discípulos de Jesus estavam realmente com fome, pois se assim não fosse que razão teriam para arrancar espigas?²⁸ Sob acusação feita aos discípulos de Jesus (Mt 12,2), Carson afirma que a acusação não se deve ao fato de colherem do campo de alguém, mas simplesmente por colherem o cereal, um dos trinta e nove trabalhos proibidos em dia de sábado segundo a predominante *halakah*. Ainda segundo Carson, o tipo de contra-argumentação utilizado por Jesus com questionamento e citação das Escrituras era comum nos debates rabínicos (Mt 12,3-6). O que Jesus está a mostrar não é apenas que as regras admitem exceções, mas que a própria Escritura não condena Davi.²⁹

Robertson afirma que as searas (Mt 12,1) eram plantações de trigo ou cevada, únicas possibilidades de grãos ali plantados e que era costume que os viajantes comessem destes grãos enquanto caminhavam, sem com isso incorrerem em roubo (Dt 23, 25).³⁰ O autor descreve de maneira pormenorizada o que os discípulos de Jesus estavam a fazer (Mt 12,2): “arrancando espigas de grãos e esfregando-as entre as mãos para separar o núcleo da palha”.³¹ Sobre a defesa de Jesus ao gesto de seus discípulos que estavam com fome e por isso comeram, Robertson diz que “todos os argumentos usados por Jesus voltam-se contra a verdadeira significação do dia de sábado como dia descanso e adoração. O significado não é ser uma escravidão, mas uma bênção”.³² Ele entende que o argumento de que ser maior que o templo (Mt 12,6) pode se referir a ele mesmo ser maior que o templo ou que a obra dele mesmo e de seus discípulos era de maior importância que o templo. Diz ainda que o argumento profético, utilizado em Mt 12,7, era um argumento que escava à literalidade com que os fariseus estavam a interpretar a lei e que o que Jesus afirmou a respeito do Filho do Homem ser Senhor do sábado pôs fim à discussão e enfureceu os fariseus.³³

Elisson, assim como os autores anteriormente citados, concorda que a nossa perícopes encontra-se dentro de um bloco formado por Mt 11–12, ao qual chama “hostilidade crescente”.³⁴ Destaca que o texto mateano inseriu o argumento do trabalho dos sacerdotes no templo em dia de sábado, ao que tudo indica devido ao contexto da comunidade e à tensão com os judeus. Segundo o autor, quem está a serviço da obra do Senhor, não está debaixo das leis do sábado.³⁵

Uma leitura da perícopes sob o prisma da análise narrativa nos é oferecida por Santana. Após fundamentar o sentido da análise narrativa de maneira objetiva e clara, a

²⁷ EARLE, R., O Evangelho segundo Mateus, p. 92.

²⁸ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 332.

²⁹ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 333.

³⁰ ROBERTSON, A. T., Comentário Mateus & Marcos, p. 136.

³¹ ROBERTSON, A. T., Comentário Mateus & Marcos, p. 136.

³² ROBERTSON, A. T., Comentário Mateus & Marcos, p. 137.

³³ ROBERTSON, A. T., Comentário Mateus & Marcos, p. 137-138.

³⁴ ELISSON, H. L., Mateus, p. 1083.

³⁵ ELISSON, H. L., Mateus, p. 1083.

autora aplica os elementos expostos, a saber, identificar narrador, personagens, tempo narrativo, cenário e enredo de Mt 12,1-8. Quanto ao narrador, a autora destaca que ele não aparece no texto como um “eu”, mas como um pressuposto pelo título do livro, Dessa forma, “entende-se que Mateus é um narrador extradiegético e heterodiegético, isto é, ao mesmo tempo narrador primeiro e ausente da história que relata”.³⁶ Ao dar voz a Jesus, Mateus torna-o narrador segundo, intradiegético e homodiegético, pois está dentro da história narrada também como um personagem. Observa ainda a autora que o narrador interno é o Filho do homem também protagonista de uma história cujos antagonistas são, obviamente, os fariseus, em torno dos quais existe uma tensão da qual participam os discípulos apenas como figurantes que desencadeiam a questão.

A respeito do tempo, Santana analisando Mt 12,1-8, identifica dois tipos: o tempo da ação e o tempo da narrativa. O tempo da ação é identificado pela locução adverbial “naquele tempo”, que indica passado como mostram os verbos: passou, estavam, começaram (Mt 12,1) O tempo da ação é intercalado pelo tempo da narrativa todas as vezes em que algum personagem fala, sejam ou fariseus ou Jesus, pois os verbos encontram-se no tempo presente, para dar maior credibilidade: “a narrativa intercalada dá mais veracidade à história relatada, uma vez que mostra a fala dos personagens sem alteração, sem modificação. Não há reprodução do diálogo. Há o diálogo na íntegra”.³⁷ A autora faz ainda uma última consideração a respeito do tempo em Mt 12,6.8, onde o verbo indica uma compreensão que abarca passado, presente e futuro, eternidade.

Sobre o cenário, Santana faz menção ao que está bastante evidente, trata-se de um cenário camponês, uma vez que o texto faz referência a: plantações de trigo, arrancar espigas e comer. No entanto, neste aspecto de arrancar para comer a autora identifica algo muito importante: a estação do ano que compõe esse cenário: “além disso, sabemos que este diálogo ocorre num sábado, em tempo de colheita de frutos maduros, pois estavam prontos para serem comidos, o que permite identificar a estação do ano: verão”.³⁸

Por fim, em sua análise narrativa sobre Mt 12,1-18, Santana discorre sobre o enredo. Além do que todos os autores e leitores conseguem identificar: introdução da cena (v.1), ponto de tensão (v.2), argumentos de Jesus (vv.3-6), a autora entende o v.7 como um desenlace da narrativa e, caso a tensão continue, o v.8 é uma expressão de uma autoridade que dirime qualquer dúvida. A autora oferece uma leitura da perícopes que extrapola a convencional:

É, portanto, necessário saber discernir entre o ato de colher espigas para o trabalho e colher espigas para conter a fome. O primeiro voltado para a prática comercial visa o lucro, o segundo para o alimento próprio visa saciar a fome, sobreviver. A “quebra dos laços” aqui pode ser entendida como a percepção humanitária de Jesus, o Filho do Homem, já que uma boa ação não pode esperar até depois do sábado.³⁹

Cruz entende que ao evocar o episódio de Davi e seus companheiros no templo para responder ao questionamento dos fariseus a respeito da prática de seus discípulos em

³⁶ SANTANA, B. P., Evangelho de Mt 12.1-8, p. 56.

³⁷ SANTANA, B. P., Evangelho de Mt 12.1-8, p. 56-57.

³⁸ SANTANA, B. P., Evangelho de Mt 12.1-8, p. 57.

³⁹ SANTANA, B. P., Evangelho de Mt 12.1-8, p. 59.

dia de sábado, Jesus recorre a um caso de urgência para justificar um que parece não sê-lo. Mesmo assim, chega à seguinte conclusão:

é preciso ter claro que Deus não quer que a observância do culto impeça a observância do que é humano, mas exatamente o contrário, por que fazer a vontade de Deus é praticar a justiça com todas as pessoas e, não, simplesmente, a execução de um ritual.⁴⁰

Lopes nomeia a perícopes de Mt 12,1-8 como “o legalismo escraviza, Jesus liberta”, dizendo que o sábado, criado para ser um dia de deleite para o ser humano, tornou-se nas mãos dos legalistas uma ferramenta de opressão.⁴¹ Ele evidencia que aquilo que os discípulos de Jesus fizeram não era contrário à Lei (Dt 23,24-25), no entanto os fariseus haviam cercado a lei a respeito do sábado com outras 39 regras sobre como guardar o sábado, tornando tal observância algo opressor.⁴² Além de defender que os discípulos não faziam algo contrário à Lei, Lopes entende que Jesus ao citar as Escrituras mostra que “o conhecimento da Palavra de Deus nos liberta da opressão do legalismo”.⁴³ Para Lopes, quando Jesus evoca o exemplo de Davi com seus companheiros no templo, ele está mostrando que “a necessidade humana prevaleceu sobre a lei cerimonial”.⁴⁴ De maneira contundente afirma ainda sobre esse episódio: “os pães da proposição nunca foram tão sagrados como quando utilizados para alimentar um grupo de homens famintos”.⁴⁵ Por fim, Lopes destaca ainda que gestos de bondade em relação à vida humana são mais importantes que a cega obediência às leis: “a questão é que os atos de bondade assumem precedência sobre os ritos religiosos”.⁴⁶ O senhorio de Jesus, segundo o autor, traz liberdade e não servidão.⁴⁷

Mostrando que Jesus não rompe com a lei do Sábado, Silva destaca que a fome sentida pelos discípulos é determinante para justificar o que fazem e para entender a resposta de Jesus aos fariseus, que viram a transgressão de uma lei, mas não viram a fome dos discípulos. Ao colocar em paralelo a fome de seus discípulos e a fome de Davi e seus companheiros, Jesus indica que a superação da fome antecede a lei:

Jesus dá a entender que a fome justifica a suspensão das leis costumeiras, ou seja, a lei sabática que proibia colher e preparar alimento, no caso dos discípulos, e a lei que restringia o consumo dos pães da oblação a sacerdotes, no caso de Davi e seus companheiros.⁴⁸

Silva discorre que, como o exemplo de Davi fala da fome, mas não do sábado, Jesus utilizou o segundo argumento, dos sacerdotes que mesmo em dia de sábado comem os pães:

⁴⁰ CRUZ, J. F., *Subversivo em nome de Deus*, p. 19.

⁴¹ LOPES, H. D., *Mateus*, p. 372.

⁴² LOPES, H. D., *Mateus*, p. 372-373.

⁴³ LOPES, H. D., *Mateus*, p. 373.

⁴⁴ LOPES, H. D., *Mateus*, p. 374.

⁴⁵ LOPES, H. D., *Mateus*, p. 374.

⁴⁶ LOPES, H. D., *Mateus, o Rei dos reis*, p. 375.

⁴⁷ LOPES, H. D., *Mateus, o Rei dos reis*, p. 375.

⁴⁸ SILVA, O. S., *Jesus e a Lei*, p. 82.

Segundo este argumento, assim como os sacerdotes ‘violavam’ o repouso sabático para realizar uma tarefa mais importante, os sacrifícios determinados para o Templo, também os discípulos podiam arrancam espigas para aplacar a fome humana.⁴⁹

E citando o terceiro argumento, de cunho profético, Jesus mostra que atender à necessidade humana não é revogar a Lei:

podemos nos arriscar a afirmar que, no caso analisado, o princípio de misericórdia anula o repouso sabático o suficiente para permitir que os discípulos de Jesus arranquem algumas espigas para aliviar a fome. O conflito de leis é decidido em favor da misericórdia.⁵⁰

A partir das notas de tradução e comentários, podemos afirmar que quanto à delimitação da perícopé há consenso. Em relação ao bloco em que ela situa-se dentro do Evangelho, há leves discordâncias, sobretudo quanto ao início do bloco, uma vez que há autores que defendem seu início em Mt 11,1 e outros que defendem seu início em Mt 11,2. A maioria dos autores parece concordar que o bloco é formado por Mt 11–12 e que a ideia geral é uma linha de incompreensão a respeito de Jesus por parte de João Batista, das cidades, dos fariseus, inclusive de sua família, e por outro lado Jesus apresentando quem ele é.

Embora o elemento da fome dos discípulos, próprio de Mateus, não presente nos outros dois correlatos Sinóticos, seja evidenciado pelos autores, a questão da lei e da autoridade de Jesus parece ocupar mais relevância nas reflexões do que a questão da fome. No próximo tópico fazemos uma análise da perícopé propondo a questão da fome como um plano principal, não como mero plano de fundo.

3. Nas mesmas plantações, um outro olhar: análise de Mt 12,1-8

O texto é emoldurado pela questão do sábado (vv.1.8), porém, com uma progressão semântica: de um sábado específico “daquele tempo” no qual estava Jesus a passar pelas plantações de trigo, ao sábado de qualquer e todo tempo, do qual o Filho do Homem é Senhor. Tal moldura já nos permite ver que a arte nela contida, embora objetiva, é de profunda estética cristológica: citando o episódio de Davi (1Sm 21,2-7), aquilo que se dava no templo nos dias de sábado por parte dos sacerdotes (Lv 24,8) e o profeta Oséias (Os 6,6), como não contemplar aí a imagem de Jesus segundo as expectativas de um messianismo régio, sacerdotal e profético?

- v.1 Jesus inserido em um sábado específico da História (moldura)
- v.2 Quem permite que se possa comer em dia de sábado? (razão da arte)
- vv.3-4 Quem age na linha de Davi
- v.5 Quem age na linha sacerdotal (vv. 3-7 arte redacional)
- v.6 Quem é maior que o templo
- v.7 Quem é profeta da misericórdia e não condena
- v.8 O Filho do Homem é Senhor do sábado em qualquer tempo (moldura)

⁴⁹ SILVA, O. S., Jesus e a Lei, p. 83.

⁵⁰ SILVA, O. S., Jesus e a Lei, p. 84.

A arte redacional (vv.2-7), emoldurada pelos vv.1.8, permite-nos ver Jesus, o Filho do Homem, preocupado com o problema da fome, não tanto com o do sábado, com as pessoas em favor das quais as leis existem. Palavras relacionadas ao tema da fome ocorrem oito vezes: fome (2x), comer (3x), tipos de alimentos (3x). Enquanto o sábado ocorre cinco vezes.

Concorda-se que a perícope está situada dentro do bloco formado por Mt 11–12, marcado pela tensão entre incompreensão a respeito de Jesus e quem de fato ele é. Diante das opiniões divergentes a respeito do início desse bloco, entende-se que Mt 11,1 seja um versículo que conclui o bloco anterior e faz a transição para o próximo, como que um versículo de transição, portanto, que o bloco se estenda desde Mt 11,2 até Mt 12,50, entre o sermão da missão (Mt 10) e o sermão das parábolas (Mt 13).

3.1. Três olhares sobre a mesma cena

Antes de se prosseguir com a análise da perícope, disponibiliza-se aqui um segundo quadro com a comparação entre os textos de Mateus (Mt 12,1-8), Marcos (Mc 2,23-28) e Lucas (Lc 6,1-5), oferecendo ao final dos quadros algumas considerações feitas a partir do exercício comparativo e mostrando como a redação própria de Mateus está ligada à fome dos discípulos.

Quadro 2 – Comparação dos correlatos das espigas arrancadas no sábado

Mt 12,1-8	Mc 2,23-28	Lc 6,1-5
¹ Naquele tempo Jesus foi nos sábados através dos campos (<i>de cereais</i>); seus discípulos, porém, tiveram fome e começaram a arrancar espigas e a comer.	²³ E aconteceu de ele, em dia de sábado, passar através dos campos (<i>de cereais</i>) e seus discípulos começaram a fazer o caminho arrancando as espigas.	¹ Aconteceu, porém, em sábado, de ele passar através dos campos (<i>de cereais</i>), e seus discípulos comiam as espigas, esfregando com as mãos.
² Os fariseus, porém, vendo, disseram-lhe: Olha os teus discípulos! Fazem o que não permitido fazer no sábado.	²⁴ E os fariseus diziam-lhe: Olha! Por que fazem no dia de sábado o que não é permitido?	² Porém, alguns dos fariseus disseram: Por que fazeis o que não é permitido nos sábados?
³ Ele, porém, disse-lhes: Não lestes o que fez Davi quando teve fome e os que (<i>estavam</i>) com ele,	²⁵ E diz-lhes: Nunca lestes o que fez Davi quando tinha necessidade e teve fome, ele e os que (<i>estavam</i>) com ele?	³ E respondendo-lhes, disse Jesus: Nunca lestes o que fez Davi, quando ele teve fome, ele e os que [<i>estavam</i>] com ele?
⁴ como entrou para a casa de Deus e comeram os pães da oferenda, o que não era lícito a ele comer, nem aos que (<i>estavam</i>) com ele, senão apenas aos sacerdotes?	²⁶ Como entrou para a casa de Deus, no tempo em que Abiatar era sumo sacerdote, e comeu os pães da oferenda, os quais não é permitido comer senão aos sacerdotes, e deu também aos que com ele estavam?	⁴ [Como] entrou para a casa de Deus, tomando os pães da oferenda, comeu e deu aos que (<i>estavam</i>) com ele, o quais não é permitido comer se não somente aos sacerdotes.

<p>⁵ Ou não lestes na lei que nos sábados os sacerdotes no tempo profanam o sábado e são inocentes?</p>		
<p>⁶ Digo-vos, porém, que aqui está algo maior do que o tempo.</p>		
<p>⁷ Se, porém, tivesses conhecido o que é: quero misericórdia e não sacrifício, não teríeis condenado os inocentes.</p>		
	<p>²⁷ E dizia-lhes: O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado.</p>	
<p>⁸ Pois, o Filho do Homem é Senhor do sábado.</p>	<p>²⁸ Assim, o Filho do Homem é Senhor também do sábado.</p>	<p>⁵ E dizia-lhes: o Filho do Homem é Senhor do sábado.</p>

Fonte: tabela e tradução dos autores, a partir do texto de NA28.

Apresenta-se aqui também uma análise comparativa das três redações, versículo a versículo, considerando apenas aquelas expressões próprias do texto mateano e possíveis razões de sua inserção no texto. Pequenas sutilezas redacionais não serão aqui explicitadas, podendo, pois, ser verificadas no quadro acima sem necessidade de uma análise pormenorizada.

Mt 12,1 tem correlatos em Marcos e Lucas, no entanto, com algumas expressões próprias: “naquele tempo”, advérbio temporal que não está presente nos outros dois Sinóticos, bem como a própria referência de que “seus discípulos estavam com fome”. O fato de arrancarem espigas para comer está presente tanto em Mateus quanto em Lucas. Segundo Barbaglio,⁵¹ “naquele tempo” é uma expressão própria de Mateus, ocorrendo ainda em Mt 11,25 e, como diz Lancellotti, não possui nenhum valor cronológico, apenas uma marca narrativa do autor.⁵² Quanto à fome que os discípulos sentiam, a partir do que diz Barbaglio, Marcos e Lucas teriam alterado a redação e não mencionado esse dado, pelo fato de escreverem para pagãos que não entenderiam a tensão entre os fariseus e Jesus e seus discípulos. Por isso, em suas redações simplesmente descrevem que arrancam espigas por arrancar, um certo vandalismo, segundo Marcos; e arrancam e comem por comer, sem constar a fome, segundo Mateus.⁵³

Mt 12,2 igualmente tem correlatos no texto marcano e lucano, com a diferença narrativa que indica que os fariseus viram o que os discípulos de Jesus fizeram: “vendo isso”. Veem que os discípulos arrancam espigas e comem, mas não veem que eles o fazem devido à fome. O narrador faz os leitores verem que os discípulos têm fome, algo que os fariseus não conseguiram ver com seu olhar condicionado pelo legalismo.

Mt 12,3 embora tenha correlatos em Marcos e Lucas, não possui nenhum elemento

⁵¹ BARBABLIO, G., O Evangelho de Mateus, p. 198.

⁵² LANCELOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 118.

⁵³ BARBAGLIO, G., O Evangelho de Mateus, p. 198.

próprio relevante. Marcos apresenta um elemento que não está presente nem em Mateus nem em Lucas, a informação de que Davi “passou necessidade”.

A respeito de Mt 12,4, também com redações comuns em Marcos e Lucas, no entanto Mateus e Lucas não mencionam o nome do sumo sacerdote que é nomeado por Marcos por Abiatar. De acordo com Barbaglio, entende-se que seja algo do estilo de Mateus não se deter a nomes de personagens secundários.⁵⁴

Os vv.5.6.7 do capítulo 12 são próprios da redação mateana, não constando, pois, nos outros dois Sinóticos (Marcos e Lucas). Como são argumentos que dizem respeito ao templo (vv.5-6) e uma citação de um livro judaico (v.7), pela mesma razão de serem redações do Evangelho em um ambiente pagão, não entram nesses elementos que são valorizados por Mateus em um ambiente judaico.

Por fim, Mt 12,8, com correspondência nos outros dois Sinóticos, não possui alguma característica própria que mereça menção e análise. No entanto, nele aparecem dois importantes títulos cristológicos: Filho do Homem e Senhor. “Filho do Homem” foi uma expressão da qual Jesus serviu-se para falar de si mesmo, retirada de Dn 7,13-14. A expressão ocorre 30 vezes em Mateus, 24 vezes em Marcos e 11 vezes em João. Lancellotti mostra que as 30 ocorrências da expressão “Filho do Homem” em Mateus podem ser divididas em três conjuntos: a respeito da parusia (13), a respeito do mistério salvífico de sua paixão-morte-ressurreição (9) e sobre sua vida terrena (8).⁵⁵ Considerada esta divisão, o emprego desse título cristológico na perícope de Mt 12,1-8 faz parte daqueles empregos relacionados à sua vida terrena:

Trechos em que “o Filho do Homem” designa Jesus em sua vida terrena (Mt 8,20; 11,19; 12,32), sobretudo referindo-se à sua missão salvífica, que é “plantar” o Reino de Deus (Mt 13,37), perdoar pecados (Mt 9,6), libertar o homem do jugo da lei farisaicamente interpretada (Mt 12,8), servir e dar a própria vida para o resgate “de muitos” (Mt 20,28).⁵⁶

“Senhor” é o título que os discípulos de Jesus utilizaram para se referir a Jesus após sua morte e ressurreição. Segundo Lancellotti, em Mateus esse título ocorre, mais ou menos, 20 vezes, com a seguinte particularidade: nunca depois da ressurreição de Jesus. Especificamente a respeito da ocorrência nessa perícope o autor diz: “referidas pelos três Sinóticos, as afirmações em que Jesus se diz Senhor do sábado (Mt 12,8) e Senhor do próprio Davi (Mt 22,45) orientam o sentido de uma fé superior à fé simplesmente ‘messiânica’”.⁵⁷ Há de se destacar que Marcos possui uma fonte própria (Mc 2,27) sem correspondência nas redações de Mateus e Lucas.

Ainda sobre a análise narrativa de Mt 12,1-6, a expressão “Naquele tempo” (v.1) é como que a assinatura de Mateus. A fome dos discípulos (v.1) é o dado histórico desencadeador da tensão, uma vez que Jesus vê que seus discípulos estão nessa situação e lhes permite comer e os fariseus veem que eles arrancam espigas (v.2), mas não que o fazem por terem fome e precisarem comer. Não menciona o nome do sumo sacerdote para não perder a objetividade do que realmente importava (v.4). Mostra que não apenas por

⁵⁴ BARBAGLIO, G., O Evangelho de Mateus, p. 198.

⁵⁵ LANCELLOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 30.

⁵⁶ LANCELLOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 30.

⁵⁷ LANCELLOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, 31.

necessidade, mas até mesmo no âmbito da lei e do culto comer em dia de sábado era possível (v.5) e que Jesus assim o permite, pois ele é maior que a lei que se propagava a partir do templo (v.6). Recorre ao profetismo para evidenciar que ficar sem comer é um sacrifício e que quem tem fome ter acesso ao alimento é o amor alcançando a miséria, misericórdia (v.7).

3.2. Um prisma próprio que faz pensar

Em meio a plantações de trigo, em um dia de sábado, os discípulos sentem fome, arrancam espigas e comem (Mt 12,1-6). Há um gesto amoroso de Jesus por permitir tal atitude sem nada considerar. Diante da crítica dos fariseus, os três argumentos de Jesus falam de pães (v.4), mais uma vez de pães (v.5) e de sacrifício (v.7). Haveria outras citações que explicitariam a questão da importância de alimentar-se, por que Jesus teria recorrido a esse texto de Oséias (Os 6,6)? Não seria pelo fato de que grande sacrifício é ter fome e Deus não deseja a fome para ninguém?

Após a citação de Os 6,6, Jesus faz uma contundente crítica aos fariseus: “não condenaríeis inocentes”. O excessivo rigor da lei condena inocentes à fome, impede-os de ter a mínima condição para existir. Devemos entender que a fome é um sacrifício não aceito por Deus e fartar os famintos é gesto de misericórdia que agrada ao Senhor: “o amor misericordioso vence a observância legalista”.⁵⁸

Os três argumentos utilizados por Jesus para responder aos fariseus se complementam e são a mais contundente defesa aos seus discípulos. Se aos olhos dos fariseus eles eram acusados de transgredir a Lei, comendo em um sábado quando deveriam fazer o sacrifício de não comer, Jesus coloca diante dos nossos olhos: Davi, que tem fome mesmo não sendo sábado; os sacerdotes que, mesmo não tendo fome, comem no sábado; o profetismo que afirma que não é o sacrifício da fome que agrada a Deus, mas a misericórdia da alimentação. Em outras palavras: todo aquele que tem fome tem o direito a comer; em qualquer dia deve ser possível comer; o que não pode, em hipótese alguma, é concordar com o sacrifício da fome.

3.3. Uma cena que traz à memória outra cena

Considerando-se que o Evangelho segundo Mateus foi escrito possivelmente por volta do ano 80 d.C., pouco antes ou pouco depois, para fortalecer a fé dos cristãos advindos do judaísmo, que estavam sendo pressionados a deixar o caminho cristão e retornar ao judaísmo que estava sendo restaurado após a destruição do Templo de Jerusalém, a intenção maior do autor era a de mostrar à comunidade que o verdadeiro Israel são os cristãos.

Segundo Barbaglio é “dado irrefutável, um apego não oculto de Mateus à tradição judaica. A lei de Moisés é tida com grande consideração”.⁵⁹ Ao que tudo indica a comunidade mateana era mista formada por judeu-cristãos ainda fortemente apegados à Lei e por cristãos com certa abertura. Barbaglio entende que Mateus tenha sido um

⁵⁸ BARBAGLIO, G., O Evangelho de Mateus, p. 40.

⁵⁹ BARBAGLIO, G., O Evangelho de Mateus, p. 39.

mediador entre esses dois grupos e tenha querido mostrar que em Jesus a lei mosaica não é anulada, mas deve ser entendida à luz dos ensinamentos de Jesus.⁶⁰

Lancellotti destaca três fatores para dizer que o Mateus é oriundo de uma comunidade marcada pelo judaísmo: *linguagem*, demonstrando conhecimento de palavras próprias desse meio, evitando outras que poderiam trazer complicações; *usos e costumes*, quando os cita, diferentemente dos outros evangelistas, não se detém explicando seu sentido, pressupondo que a comunidade já os conheça; *preocupação teológica básica*, tentando solucionar tensões entre judeu-cristãos e cristãos recorre por volta de setenta vezes ao Antigo Testamento, para mostrar que não há descontinuidade ou rompimento.⁶¹

Feitas essas considerações gerais a respeito do Evangelho segundo Mateus, é possível ver a cena da fome saciada dos discípulos de Jesus em meio às plantações de trigo e rememorar a cena da fome do povo saciada no deserto (Ex 16,1-35). Não agrada a Deus a fome do povo, por isso ele a sacia (v.12) e tem o cuidado de que o descanso necessário à vida humana (v.23) não seja desprovido de alimento (v.22).

Após oferecermos uma tradução da perícope (1), considerarmos reflexões feitas sobre ela (2) e fazermos uma análise a partir dela (3) considerando a relevância do tema da fome que no relato mateano aparece não apenas como questão periférica, mas dentro de um núcleo central, no tópico seguinte (4) refletimos sobre a missão da Igreja de contribuir para que nesse e em qualquer tempo seja superado o grave crime da fome no mundo.

4. Chamar a humanidade inteira às plantações de trigo com Jesus

As lavouras de trigo permitiram que os discípulos de Jesus se alimentassem. Embora os fariseus tenham se manifestado contra isso em defesa da lei a respeito do descanso sabático, Jesus mostrou-se sensível à fome dos seus e defendeu-lhes diante dos acusadores, ele é Filho do Homem, o Senhor, o Messias salvador da humanidade e a salvação tem a ver, também, com a alimentação. As lavouras de trigo são agora tomadas como metáfora do mundo cujas riquezas são capazes de alimentar e possibilitar a vida a todos.

A fé cristã deve nos levar a um compromisso real contra as tristes realidades da fome. As leis sagradas e as leis civis devem estar a favor da vida humana e, caso contrário, devido a alguma apropriação deturpada de sentido, devemos assumir o profetismo de Jesus na perícope que norteia as reflexões desse estudo. Não pode ser legal e tampouco justo que as pessoas caminhem pelas plantações de trigo e não matem a fome que as mata.

A fome é um dos fenômenos mais graves no planeta. Ela é considerada pela Organização das Nações Unidas (ONU) como uma dor ou desconforto causado no corpo do ser humano devido à falta de nutrientes necessários ao funcionamento orgânico. Segundo dados da Organização das Nações Unidas, a fome aguda atingiu 281,6 milhões de pessoas em 2023.⁶² É um grave problema social que exige de toda a humanidade um

⁶⁰ BARBABLIO, G., O Evangelho de Mateus, p. 40.

⁶¹ LANCELOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 14-15.

⁶² FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS, Statistical Yearbook world food and agriculture 2023.

esforço para minorá-lo e superá-lo. Todas as áreas do saber são vocacionadas a envidar esforços e contribuir para a resolução desse mal social que mata. Nesse sentido, a Teologia precisa oferecer sua contribuição, participar dessa luta.

A fome denuncia muitas mazelas humanas. Ela é resultado de sistemas político-econômicos que beneficiam uns poucos e dificultam e até inviabilizam a vida da maioria da população mundial: “a fome é um dos mais relevantes fenômenos que alarmam a humanidade e vem assolando o mundo há muito tempo. A partir do aumento da desigualdade entre os indivíduos, ela vem se perpetuando cada vez mais”.⁶³

A fome infelizmente tem se agigantado, ano após ano, devido à falta de políticas públicas eficazes ditadas pelos interesses do mercado financeiro voraz, sem compromisso algum com a humanidade que padece. Sob a ditadura da lógica do mercado que privilegia o lucro em detrimento da vida, às desigualdades sociais se acentuam exponencialmente a cada ano. Tais desigualdades geram processos migratórios forçados, despertam a violência, fazem explodir guerras e violências, fomentam a intolerância, condenam mais de 800 milhões de pessoas à fome (FAO, 2024). Não desconsideramos a complexidade desse grave problema mundial, desde a definição conceitual até identificação de causas e indicação de possíveis soluções, como indicado por Sousa:

A fome é um fenômeno de difícil apreensão e definição. Para além da polissemia que caracteriza o uso cotidiano dessa palavra, isso se explica, em parte, pela complexidade de um fenômeno que é simultaneamente biológico e social, e que pode, portanto, ser compreendido a partir de diferentes perspectivas teórico-metodológicas das ciências naturais e das ciências humanas. Ao mesmo tempo, não podemos desconsiderar que toda definição de fome traz consigo um posicionamento teórico e político acerca da realidade, o que explica a existência de debates e disputas em torno de sua definição e mensuração.⁶⁴

Se por um lado, a humanidade depara-se com esse cenário tão duro da fome; por outro, vê-se crescer um cristianismo, muitas vezes, sem compromissos com a justiça, no qual os fiéis participam das celebrações nos templos e suas vidas fora deles nem sempre estão em consonância com o Evangelho, com a práxis de Jesus. No fundo, trata-se de uma vivência religiosa que provoca um bem-estar no sujeito sem levá-lo ao compromisso com a causa da vida de Jesus, o Reino de Deus, que tem exigências sociais.

Essa incoerência entre o crer e o praticar fomenta um moralismo em questões e campos sem compromissos com a transformação humano-social, e esquece-se do projeto de vida de Jesus anunciado na Sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-21). Pode-se pensar que esse fenômeno se dá pela própria estrutura da pessoa ou devido ao encontro da pessoa com figuras da instituição, não exatamente com a pessoa de Jesus, o qual transforma a vida e leva a compromissos sociais transformadores da vida humana pessoal e social.

Segundo os últimos dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), no mundo são produzidos anualmente 4 bilhões de toneladas de alimentos,⁶⁵ mais que suficiente para que os mais de 8 bilhões de seres humanos do mundo

⁶³ PEDRO, H. M., Fome, p. 91.

⁶⁴ SOUSA, J. R., A fome como processo e a reprodução social capitalista, p. 16.

⁶⁵ FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS, Statistical Yearbook world food and agriculture 2023.

possam se alimentar com dignidade. Dado muito grave é o de que 21,5% da população mundial é atingida pelos efeitos da fome, considerando-se todos os níveis de insegurança alimentar.⁶⁶ E ainda mais grave, a constatação de que o mundo desperdiçou 1,05 bilhões de alimentos em 2022,⁶⁷ ou seja, um quarto dos alimentos produzidos no mundo é desperdiçado enquanto um quinto da população mundial passa fome.

A fome não tem uma causa única, é um fenômeno complexo que envolve diversos fatores: políticos, econômicos, climáticos, naturais, morais, éticos e, inclusive, de incoerências e extremismos religiosos: “a manifestação concreta da fome resulta de uma complexa interação de fatores políticos, econômicos e naturais”.⁶⁸ Quando acima se mencionou que no mundo é produzida quantidade de alimentos suficientes para toda humanidade foi a título de interpelação, pois sabe-se que alimentação não tem a ver apenas com consumo de alimento disponível, é um direito da pessoa humana e os seres humanos têm suas particularidades pessoais e culturais:

É fundamental compreender que a realização do direito humano à alimentação adequada vai além da mera disponibilidade de alimentos, mesmo que sejam saudáveis, logo, isso envolve o respeito às práticas e hábitos alimentares das pessoas, a consideração do estado de saúde individual, a prestação de cuidados especiais a grupos social e biologicamente vulneráveis.⁶⁹

Como já dito, a fome dói no corpo, seja ela a insegurança alimentar aguda, quando a pessoa não tem os nutrientes necessários à subsistência, ou a insegurança alimentar moderada, quando a pessoa tem dificuldades para conseguir a quantidade mínima de alimento para si e para os seus. O complexo fenômeno da fome produz uma onda de sacrifícios, sejam aquelas pessoas que anualmente morrem por causa dele, ou os sacrifícios que as pessoas diariamente fazem para que tenham um amanhã.

A profecia de Oséias (Os 6,6), evocada por Jesus em Mt 12,1-8, deve ecoar no mundo, sobretudo nos corações cristãos: sacrifício algum que produz morte agrada a Deus, muito menos ainda o da fome, e para agradá-lo o ser humano precisa ser misericordioso e justo. Sendo a fé cristã professada por praticamente um quarto da população mundial, será que, de fato, temos entendido que a superação da fome é uma das atitudes essenciais do cristão?

Aguirre oferece uma reflexão da mesa cristã pela ótica das Ciências Sociais, na qual, discorrendo sobre valores essenciais da fé cristã afirma:

A superação das relações de poder, compartilhar os bens, o amor indissolúvel, o amor aos inimigos, a não violência... são valores que devem visibilizar socialmente a Igreja, que é, antes de tudo, a servidora do Reino de Deus.⁷⁰

⁶⁶ FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS, *Statistical Yearbook world food and agriculture 2023*.

⁶⁷ FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS, *Statistical Yearbook world food and agriculture 2022*.

⁶⁸ NETO, G. R.; MACHADO, G. K., *A fome global diante dos desafios apresentados pela sociedade contemporânea*, p. 4.

⁶⁹ NETO, G. R.; MACHADO, G. K., *A fome global diante dos desafios apresentados pela sociedade contemporânea*, p. 4.

⁷⁰ AGUIRRE, R., *La Mesa Compartida*, p. 162.

Assim como a mesa cristã foi interpretada pelo prisma das Ciências Sociais, não deveria a Teologia interpretar as realidades do mundo, em nosso caso específico, a fome, a partir pelo profetismo das refeições de Jesus?

A forma com que as comunidades cristãs se reuniam desde a primeira hora da missão da Igreja era marcada pela *palavra* e pelo *pão*, pela *oralidade* e pelo *alimento*. Inspiradas na última ceia de Jesus, que era síntese das tantas refeições que ele teve com o povo, as comunidades cristãs se reuniam e o relato mais antigo que nos foi conservado é o de Paulo, que recorre ao que recebeu das palavras de Jesus à mesa para questionar a forma com que a comunidade cristã de Corinto estava se reunindo (1Cor 11,17-34). Se a quarta parte da população mundial que se define cristã considerasse a crítica de Paulo e procurasse fazer das celebrações polos irradiadores de transformação social, por certo, uma mudança considerável aconteceria no mundo e os gráficos da fome seriam melhorados. Sem solidariedade não há ceia e com fome não há Reino de Deus.⁷¹

As “plantações de trigo” do mundo produzem alimento suficiente para a humanidade inteira, com sobras. No entanto, as leis que regem a sociedade e o farisaísmo dos que tem poder tem dificultado e até mesmo impedido a alimentação de 10% da população mundial. Aqueles que caminham com Jesus, praticamente uma em cada quatro pessoas, devem não apenas alimentar-se destas “plantações”, mas envidar esforços para que todos possam vir e matar sua fome, pois esta é um crime que faz sofrer e chega a matar e, urge, antes de qualquer outra norma ou regra, fazer valer a ética de que todos os seres humanos têm direito à vida e não há vida sem os nutrientes necessários à manutenção do corpo.

Conclusão

Após as reflexões aqui tecidas, o fenômeno da fome não deixou de ser grave e de afetar milhares de pessoas em todo o mundo. No entanto, indo à fonte límpida do Evangelho podemos ver na postura de Jesus, diante da tensão entre lei e fome, que a preocupação com esta é anterior àquela, ou ainda, que as leis existentes devem estar a serviço da vida humana e que uma das nossas necessidades básicas é a alimentação.

Fazendo uma *anamnese* do percurso, ir ao Evangelho e sentir o seu frescor em língua grega e traduzi-lo para o português, tentando conservar o máximo possível sua carga semântica, foi a base para todas as reflexões posteriores. O exercício de debruçar-se sobre o texto bíblico procurando as melhores palavras em uma língua para expressar o significado de uma palavra em outro idioma é como uma arte, pois exige muito do artista para proporcionar aos destinatários uma experiência sublime.

O segundo passo do percurso foi revisitar a perícope, esta verdadeira obra de arte, com outras pessoas, autores e autoras que contemplaram detalhes mais gerais ou específicos, particulares ou universais, e discorreram sobre o conhecimento que assimilaram a partir daí. Através de variados prismas, foi possível oferecer notas de tradução e comentários para evidenciar situações presentes na perícope e mostrar que nela estão presentes os dois elementos-tensão que fundamentaram as nossas hipóteses: a fome

⁷¹ AVELAR, A. V., Sem solidariedade não há Eucaristia: reflexões a partir de 1Cor 11,17-34, p. 253.

se sobrepõe à lei e a teologia tem algo a fazer pela superação desse grave mal.

O passo seguinte consistiu em tecer uma reflexão sobre um elemento que aos olhos de outros autores era visto simplesmente como algo periférico: a fome dos discípulos. Nosso exercício foi possibilitar, a quem desejar, um outro olhar sobre essa perícopes trazendo para o centro justamente a questão da fome e a postura de Jesus não tanto frente a lei (como a maioria dos autores discorre), mas frente a fome de seus discípulos. Se priorizar a vida humana, especificamente neste caso no que tange à fome, é a atitude de Jesus, esta mesma atitude deve ser a de todo cristão hoje e sempre, no seguimento do Mestre que pede amor não apenas a Deus, mais igualmente “amor ao próximo, como forma de viver plenamente a lei” (Rm 13,8-10; Gl 5,14; Tg 2,8).

O passo conclusivo, que nos fez chegar à meta a partir da qual se nos descortinou todo um relevo complexo a ser percorrido, consistiu em observar um pouco a realidade alarmante da fome na atualidade, ainda que em um sobrevoo sem a pretensão de oferecer uma análise profunda e clara do fenômeno, tarefa esta que poderá ser feita ao final desta leitura. Esta observação geral de números atuais submetidos à luz que a perícopes trouxe e permitiu-nos (pela nossa tradução, pelas reflexões de outros autores e pela nossa análise) chegar a algumas considerações realistas e provocadoras: no mundo há alimento suficiente para todos, há muita comida sendo desperdiçada e muita gente passando fome e, no fundo, muitos cristãos que não entenderam o que existencialmente significa isso.

Enfim, o presente estudo ajuda-nos a perceber que a perícopes emoldurada por Mateus é uma metáfora da situação atual: há muitas plantações de trigo, no entanto há muitas pessoas com fome devido ao legalismo farisaico que não as deixa comer e Jesus continua sendo presença que permite a alimentação a quem tem fome, ainda que isso pareça ser transgressão de alguma lei, pois para ele o direito à alimentação se sobrepõe a qualquer norma, organização ou regra.

Referências bibliográficas

AGUIRRE, Rafael. **La Mesa Compartida**: Estudios del NT desde las ciencias Sociales. Santander: Sal Terrae, 1994.

AVELAR, Alfredo V. **Sem solidariedade não há Ceia**: reflexões a partir de 1Cor 11,17-34. Campinas/SP: Editora Saber Criativo, 2024.

BARBAGLIO, Giuseppe, O Evangelho de Mateus. In: BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos (I)**. São Paulo: Loyola, 1990, p. 33-420.

BIBLE WORKS: **Software for Biblical Exegesis Research**. Virginia-USA. Produzido por Mark Cannon. Versão 10.

CARSON, Donald A. **O comentário de Mateus**. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

CRUZ, Jeferson F. Subversivo em nome de Deus: uma análise da postura de Jesus frente à lei e tradições de seu tempo como chave provocativa para a postura eclesial. **Espaços**, v. 23, n. 1, 2015, p. 7-22.

EARLE, Ralph, O Evangelho segundo Mateus. In: EARLE, Ralph; SANNER, Avery Elwood.; CHILDERS, Charles Louis. **Comentário Bíblico Beacon: Mateus a Lucas**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 19-212.

ELISSON, Henry Leopold. Mateus. In: BRUCE, Frederick Fyvie. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamentos**. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2012, p. 1071-1104.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS.

Statistical Yearbook world food and agriculture 2022. Rome. Disponível em: <<https://openknowledge.fao.org/server/api/core/bitstreams/0c372c04-8b29-4093-bba6-8674b1d237c7/content>>. Acesso em: 2 mai. 2024.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS.

Statistical Yearbook world food and agriculture 2023. Rome. Disponível em: <<https://openknowledge.fao.org/server/api/core/bitstreams/6e04f2b4-82fc-4740-8cd5-9b66f5335239/content>>. Acesso em: 2 mai. 2024.

GONZAGA, Waldecir. **Compêndio do Cânon Bíblico: Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos**. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Rio de Janeiro, EdPUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.

HARRINGTON, Daniel. Mateus. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert. **Comentário Bíblico**. v. 3. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999, p. 11-44.

LANCELLOTTI, Angelo. **Comentário ao Evangelho de São Mateus**. Petrópolis: Vozes, 1980.

LOPES, Hernandes D. **Mateus: Jesus, o Rei dos reis**. São Paulo: Hagnos, 2019.

NESTLE-ALAND (eds.), **Novum Testamentum Graece**. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

NETO, Guido R.; MACHADO, Gabriel K. A fome global diante dos desafios apresentados pela sociedade contemporânea. **Revista Eletrônica Multidisciplinar de Investigação Científica**, Brasil, v. 2, n. 13, 2023. Disponível em: <<https://remici.com.br/index.php/revista/article/view/290>>. Acesso em: 2 mai. 2024.

PEDRO, Helena Mara D. Fome: concepção de uma cicatriz social. **Revista Vértices**, v. 8, n. 1/3, 2010, p. 89-100.

PIKAZA, Javier. **A Teologia de Mateus**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1977.

ROBERTSON, Archibald T. **Comentário Mateus & Marcos: à luz do Novo Testamento grego**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

SANTANA, Beatriz P. de. Evangelho de Mateus 12.1-8: segundo a perspectiva narrativa. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, v. 11, n. 1, 2016, p. 47-60.

SILVA, Oberdan S. da. Jesus e a Lei: o judaísmo de Jesus. **Cadernos de Sion**, v. 2, n. 2, 2021, p. 73-93.

SOUSA, José R. A fome como processo e a reprodução social capitalista. **Boletim**

Paulista De Geografia, v. 1, n. 105, 2021, p. 15–39.

STORNILOLO, Ivo. **Como Ler o Evangelho de Mateus**: O caminho da justiça. 5. ed.
São Paulo: Paulus, 1990.

VITÓRIO, Jaldemir. **Mateus**. São Paulo: Loyola, 1996.

Waldecir Gonzaga

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália)
Diretor do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Rio de Janeiro
Rio de Janeiro/RJ – Brasil.
E-mail: waldecir@puc-rio.br

Alfredo Viana Avelar

Doutorando em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul
Mestre em Exegese Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Rio Grande do Sul/RS – Brasil
Email: alfredovavelar@hotmail.com

Recebido em: 30/07/2024

Aprovado em: 22/10/2024